

Quarenta anos

O tempo passa e às vezes as pessoas não percebem. No meu caso, quarenta anos constituíram um capítulo rápido. As discussões sobre Brasília dominaram os dez primeiros anos de vida na cidade. Depois, vieram os militares e, em seguida, a abertura política. Alguns brasileiros tiveram o privilégio de pisar a lama do Planalto Central, andar no lago Paranoá ainda vazio e sofrer com a poeira daqueles tempos sem grama. Fui um deles.

Assisti, na praça dos Três Poderes, à festa da inauguração de Brasília. No início da noite de 21 de abril de 1960, deixei meu pai e um amigo na entrada do Palácio do Planalto. Eles foram à recepção oficial. Participei, junto com Hedyl Valle Júnior, de saudosa memória, da comemoração popular. Houve um coral de centenas de vozes, alguns discursos no meio do povo e uma alegria contagiante. De repente, JK, de fraque e cartola, saiu do Palácio e se misturou ao povo. Vi uma senhora ajoelhar-se e beijar-lhe os pés. Muita gente chorou.

A alegria era contagiante. Como se uma grande vitória tivesse sido alcançada. Durante todo o ano foi

assim. Brasília era um grande acampamento ou uma pequena cidade. Na W/3 funcionavam raríssimas lojas comerciais. Estavam prontas as superquadras 105, 106, 107, 108, 114 e 407/408. Todas na Asa Sul. Havia muita coisa em construção. O colégio era a Caseb. O Elefante Branco foi inaugurado no ano seguinte.

A precariedade da nova capital unia os habitantes. Todo mundo dava carona, por exemplo. O transporte coletivo nasceu torto. Já era péssimo na época. As violentas críticas à transferência da capital consolidavam amizades e fortaleciam vínculos pessoais. Afinal de contas, Jânio Quadros, da UDN, que havia sido eleito para a Presidência da República, não demonstrava nenhuma simpatia pela cidade.

Os habitantes, em conjunto, estavam correndo o risco de serem mandados de volta para o Rio de Janeiro ou incorporados a Goiás. Era um tempo diferente. Deputados e senadores moravam, na sua maioria, na 105 Sul. As pessoas sabiam da realização de alguma sessão extraordinária no Congresso quando as camionetas azuis da Câmara começavam a chegar para pegar os

deputados. A carência construía a solidariedade.

Não foi por acaso que a primeira Festa dos Estados ocorreu na 105 Sul. Familiares dos senadores e deputados trouxeram de seus estados pratos típicos e improvisaram a confraternização sobre a garagem do bloco 5. Ali, no quarto andar, morava o João. Hoje, atende pelo nome de Pimenta da Veiga. É o ministro das Comunicações. O jornaleiro, Vicente, já falecido, era uma espécie de porteiro e vigilante da quadra. Discutia política até com o dr. Pedro Aleixo, também morador daquela superquadra.

Quarenta anos passam rapidamente. Brasília de hoje não se parece em nada com a de 1960. A Asa Norte, construída nos anos 70, modificou o panorama. Dizem que trouxe mais chuva. Os Lagos Sul e Norte, que eram mato puro, estão quase totalmente construídos. Agora condomínios ameaçam a sobrevivência da cidade que sobreviveu a problemas de toda ordem. A existência de Brasília é um elogio público, em concreto e aço, à capacidade do brasileiro de criar e executar. O desafio é manter intocada a obra-prima de Lúcio Costa.